Trabalhos Científicos

Título: Estudo Do Perfil Epidemiológico Dos Casos De Sífilis Congênita Na População Brasileira Entre 2011 E 2021

Autores: LUIZ FERNANDO CECCON (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), TONY TANNOUS TAHAN (INFECTOLOGIA PEDIÁTRICA DO COMPLEXO HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UFPR), JUAN CARLOS PACHECO (PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ), LETICIA MIYASHIRO (UNIVERSIDADE POSITIVO), LORENA FIORENZANO ALVIM (PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ), MARIA CECILIA FANTINELLI DE CARVALHO (PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ), VITÓRIA PEREZ PENNA SILVA (PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ), ANA LUÍSA DE OLIVEIRA ALVES (UNIVERSIDADE POSITIVO), HENYA MOREIRA FARIAS (FACULDADE EVANGÉLICA MACKENZIE DO PARANÁ), MARIA VITÓRIA CORRÊA (UNIVERSIDADE POSITIVO)

Resumo: A sífilis congênita é resultante da transmissão da bactéria Treponema pallidum da gestante infectada ao feto, podendo desencadear natimortos, prematuridade e um amplo espectro de manifestações clínicas. A maioria dos casos ocorre devido à falha nos cuidados pré-natais ou tratamento insuficiente da sífilis na mãe antes ou durante a gestação. A ocorrência está relacionada ao menor nível educacional materno, início tardio e baixa adesão do pré-natal.Analisar a distribuição de casos de sífilis congênita na população brasileira entre 2011 e 2021.Trata-se de um estudo epidemiológico retrospectivo, no qual foram examinados os registros de sífilis congênita do Sistema de Informação e Agravos de Notificação na plataforma DATASUS. O estudo abrangeu casos de sífilis congênita recente, tardia e natimorto/aborto por sífilis, referentes ao período de 2011 a 2021. As variáveis avaliadas incluíram ano de notificação, regiões, estados, faixa etária materna, escolaridade materna, realização de pré-natal, momento do diagnóstico, tratamento do parceiro e óbitos.Ao todo, foram registrados 194.527 casos de sífilis congênita na população brasileira entre 2011 e 2021, com um aumento no número de casos até 2018, seguido por uma redução abrupta de mais de 50% nos casos relatados entre os anos de 2020 e 2021, possivelmente atrelados à pandemia. A região Sudeste lidera com o maior número de notificações, acumulando 84.482 casos (43%), seguida pela região Nordeste com 57.291 casos (29%). Já a região Centro-Oeste foi a que teve menos relatos, com 547 casos em 2021. Desde 2017, o Rio de Janeiro é o estado que lidera com a maior incidência, chegando a 4.419 casos em 2019, mas com redução de quase 60% dos casos até 2021. Por sua vez, o estado de Roraima teve o menor número de casos (430) no período, seguido por Acre (709) e Rondônia (808). A faixa etária materna mais relacionada à sífilis congênita é dos 20 aos 25 anos (34%), seguida pela faixa dos 15 aos 19 anos (23%) e dos 25 aos 29 anos (21%). Em contrapartida, as faixas etárias maternas menos acometidas foram abaixo de 15 anos e acima de 40 anos (somadas representam 4%). O nível de escolaridade materna com maior número de casos se concentra entre a quinta e oitava série do ensino fundamental (32%). Por outro lado, os níveis de escolaridade materna menos acometidos pela sífilis foram de ensino superior incompleto (1,3%) e completo (1,1%). Cerca de 83% das gestantes haviam realizado o pré-natal, sendo que a taxa de pré-natais não realizados diminuiu ao longo dos anos, passando de 18% em 2012 para 9% em 2021. Apenas 22% dos parceiros realizaram o tratamento para sífilis. Cerca de 98,3% dos casos registraram recém-nascidos (RN) vivos e 1,7% de óbitos.Apesar da sífilis congênita apresentar alta morbimortalidade, observamos um desfecho positivo no RN, que possivelmente se deve ao diagnóstico precoce, maior adesão ao pré-natal e melhor acompanhamento e cuidado do RN.